



PAUSA PARA O CAFEZINHO

Efeito mola

O economista Carlos Eduardo de Freitas acredita que o Brasil vive hoje num estado de *guerrilha fiscal*. "Os programas não mudam e ficam fazendo guerrilha fiscal. Aperta daqui, segura dali. A guerrilha é importante, mas ela tem um efeito mola: você aperta, mas há sempre volta", explica, referindo-se ao crescimento da arrecadação sempre acompanhado de expansão das despesas públicas.

Pessimismo profissional

Carlos Eduardo Freitas, Reinaldo Gonçalves e Edward Amadeo concordaram sobre a instabilidade macroeconômica brasileira. "Só o Luiz Antônio é que parece

discordar", comentou Freitas. "Eu sou mais tolerante", respondeu Luiz Antônio. "É, os economistas tendem a ser muito pessimistas. Pior, só os ecologistas. Mas faz parte de nossa

profissão", justifica Freitas.

Disciplina de otários

O governo tem que ser mais rigoroso e intransigente com os governos estaduais, defendem Luiz Antônio Gonçalves e

Carlos Eduardo de Freitas. "São Paulo, por exemplo, sempre arruma bons avalistas, como o personagem Vadinho, de Jorge Amado. E depois a conta fica pendurada no governo federal", diz Luiz Antônio. "Disciplina financeira é comportamento que se tornou, no Brasil, na área de governo, coisa de otário", completa Freitas.

Por um fio

Enquanto as vendas

da indústria cresceram brutalmente nos últimos 12 meses, a oferta de emprego ficou apenas 1% maior, lembra o economista Edward Amadeo. "Ou seja, a produtividade cresceu muito e basta um peteleco para que o nível de emprego industrial caia", alerta, temendo situação semelhante à enfrentada pelo México e Argentina.

Deterioração no cerrado

A falta de solidez fiscal está provocando efeitos microeconômicos que não têm sido percebidos, diz Amadeo. "Quem vai a Brasília com frequência não percebe isso, mas quem só aparece lá de dois em dois meses

percebe que há uma profunda deterioração da máquina pública, produzida pela falta de coerência entre receitas e despesas de forma sustentável".

Abertura estilingue

Edward Amadeo não acredita em reversão da situação da balança comercial a curto prazo e é pouco otimista em relação à apreciação cambial e à abertura da economia. "Se você não tiver superávit comercial ou uma redução importante do déficit nos próximos dois meses ou três meses, você volta a funcionar de novo como uma espécie de efeito estilingue com a taxa de câmbio. Quanto mais você estica a apreciação cambial, mais forte é quando você solta ela".

